

# Pelos labirintos do prazer

Rasia Friedler

Um casal consulta por “perda de interesse sexual”. No decorrer do processo analítico, a *fundação* do casal aparece como marca indelével; os esposos vão aprendendo a complexidade do vínculo, e criando uma *palavra vincular*.

*“Comprou sua esposa em uma liquidação, pendurada, junto com outras, em um grande cabide circular. Suas finanças não lhe permitiam adquirir novos lançamentos, modelos sofisticados. Por isso, se conformou com esta, fim de estoque, porém a um preço de ocasião.*

*Porém, já em casa, longe da agitação dos negócios – homem escolhendo mulher, homem pagando mulher, homem colocando mulher na bolsa e levando, às vezes, mais de uma para aproveitar a oportunidade – deu-se conta de que o estado de sua compra deixava a desejar.*

*É claro, pensou notando a sujeira nos punhos, as rugas da pele, os cachos de cabelos que apenas escondiam algumas zonas do couro cabeludo, não iriam liquidar algo bom...*

*Resignado, recostou-se na cama pensando que talvez, pudesse ser de alguma utilidade. E, abrindo-lhe as pernas, despejou ali dentro, uma por uma, bolinhas brancas de naftalina.”*

*Marina Colasanti*

Os conflitos que levam um casal a se consultar conservam os indícios das determinações inconscientes da escolha mútua. Aqueles elementos que em certo momento determinam a escolha podem suscitar, posteriormente, um intenso sofrimento vincular.

Em seu conto, Colasanti consegue captar, com uma boa dose de humor, os efeitos inibidores que aparecem

na sexualidade de um casal a partir de condições de escolha onde a acessibilidade do objeto vem unida à sua desvalorização. Ao objeto acessível se atribui um

Rasia Friedler é psicanalista, membro fundador da Associação Uruguia de Psicanálise das Configurações Vinculares (AUPVC) e integrante do grupo Psiarte. Tem ministrado seminários de Psicanálise de casal e família na Associação Uruguia de Psicoterapia Psicanalítica (AUDEPP). Tradução: Marise Levy Warhaftig.



lugar substitutivo de outro objeto que se supõe ideal, porém que se torna inacessível para aquele sujeito desejante. O conto deixa obscura a perspectiva das esposas que “se liquidam” e “se taxam” a um preço de ocasião.

Descreverei, a seguir, alguns aspectos da análise de um casal, para o qual sua fundação aparece como uma marca indelével, que se introduz em cada passo do discurso. Incluirei algumas intervenções terapêuticas e linhas interpretativas que orientaram o processo.

Não é simples transmitir o que se passa em um processo analítico. Empreendemos uma complexa tarefa evocativa que não faz justiça à variedade e à intensidade dos gestos. As imagens visuais permanecem mudas. Questões éticas nos impedem de revelar dados identificatórios. Trata-se de narrações fragmentárias ou pálidas impressões que permitem complexizar o anedótico e ajudam a penetrar na profundidade do vínculo. Nela se amalgamam alguns elementos que podem resultar contraditórios.

Um sujeito magro, de meia-idade, boa aparência, a quem chamaremos de Antônio, com um olhar que parecia debilitado pelo cansaço ou tristeza, sentou-se frente à uma mulher, digamos Pilar, com um aspecto bem maior do que o dele, rosto congestionado com traços regulares, que movia as mãos incessantemente.

O silêncio foi rompido por um: - “Precisamos de ajuda. Perdemos o interesse sexual.” Passados os primeiros encontros sexuais, as tentativas de busca de novos prazeres não foram bem sucedidas. Estavam casados havia catorze anos.

A partir das primeiras entrevistas, começou-se a remover um consenso implícito no sentido de deixar na sombra aspectos sinuosos da pré-história do casal. Lentamente, começaram a descrever um cotidiano fendido por acontecimentos perturbadores, fundamentalmente

referentes a fracassos econômicos e abandonos.

Em alguns momentos, davam a impressão de estarem unidos pelo desespero e hábito. Os episódios narrados eram revestidos de um peso simbólico que os sobrepujava e definiam uma atitude vital. Tornava-se inevitável traçar paralelos entre seu modo de descrever o mundo e seu próprio destino.

## O inominável deu lugar a acontecimentos traumáticos infantis.

Um sofrimento intenso foi aparecendo nas primeiras palavras vacilantes.

Pilar - “Quando o conheci, tive a sensação de entrar em uma história já começada, ele acabava de sair de um longo noivado. Tive que esperar anos para vir a saber que ela (Marta) o deixou, porém sempre senti que continuava a estar presente. Até hoje, quando fica em silêncio, parece estar pensando nela.”

Antônio que a observava em silêncio, logo disse: - “O que passou, *paixou*.”

Retomo: - “*Paixou?*”

Pilar - “A paixão...”

Perguntei a mim mesma o que significava paixão e Marta para esse casal. Tratar-se-ia do gozo que despontava no interdito? Aspectos narcisistas do vínculo projetados em um objeto amoroso abandonante? Al-

gum personagem que subsistia e transmitia silenciosamente algo da ordem do transgeracional? De que abandono(s) estariam falando?

Ambos se mostravam suplicantes por um olhar que se esvaía. Pareciam quatro olhos errantes em busca de um olhar perdido.

A partir de minha pergunta, pegaram um fio da meada que foi abrindo novos significados de *paixou*. Antônio lembrou-se que sua madrinha costumava entoar uma música religiosa que lia em um livro chamado *O Passionário*. Pilar lembrou, então, que conheceu Antônio em um encontro musical do qual ambos participaram.

Pilar - “Desistimos de tocar quando seu tio faleceu; depois, nunca mais.”

Esta declaração e as associações seguintes, levaram-me a vislumbrar a hipótese de um luto não elaborado que havia buscado um objeto para manter-se imobilizado.

Alguns lapsos e atos falhos iluminaram fugazmente aspectos da trama vincular. Foram surgindo fragilidades e uma profunda nostalgia ante o fluxo vital.

Antônio - “É que você não me inspira. Vamos supor que ela me fale de um assunto e eu nada tenha a opinar porque penso o mesmo. Ela me diz que não é possível que eu sempre pense o mesmo. Porém não me ocorre mais nada.”

Pilar - “Os únicos que sempre podem pensar o mesmo são os mortos.”

Terapeuta - “Parece que não fica muito claro entre vocês se alguém deve inspirar para que o outro respire, ou se cada um deve inspirar para que possam respirar e viver.”

Antônio - “Sinto que nosso casal precisa de oxigênio.”

Pilar - “Sim, mas porque sempre sou eu que tenho que dá-lo?”

Terapeuta - “É como se, entre vocês, Pilar assumisse a função de prover palavras-oxigênio e Antônio a de carregar em seu silêncio a pre-



sença dos que já não estão. Deste modo, poderiam fazer de conta que nunca se foram.”

Antônio – “A morte dele nunca me atingiu. Sempre me diziam que eu me parecia muito com ele.”

Terapeuta – “No entanto, depois de sua morte deixaram de tocar...”

Pilar – “E também de nos tocar!”

Algumas interpretações conseguiram fazer oposição ao esforço de cada pólo do vínculo em converter o outro em um objeto intrasubjetivo. O objeto amoroso tinha no vínculo uma valência negativa frustrante.

Terapeuta – “Talvez o assunto que falte tenha a ver com um espaço para se sentir casal, para se mostrar coisas de cada um que não correspondem ao que o outro supõe ou espera. É possível que os dois acreditem que as coisas devam ser apenas como diz Antônio e não se atrevem a vê-las de outro modo, como se só dependesse de Antônio o fato de Pilar poder ver-se como esposa ou como se Antônio não pudesse se permitir duvidar do que afirma.”

Pilar devia posicionar-se em um lugar de não-lugar de esposa para

lar vivências de abandono, de depreciação. Em Antônio surgiram terríveis fantasias de morte. Frequentemente, perguntava-me até que ponto certa abstenção de falar voluntária poderia render juro expressivos e associativos, ou, então, contribuir para um transbordamento de excitação. Perguntava-me, no entanto, como remexer na dialética entre o Um e o Outro sem incluir esse fundo irreduzível de silêncio? Percebi que minha sobriedade constituía um caminho privilegiado para penetrar naquilo que transbordava o inconsciente. O silêncio da pontuação, ao possibilitar o relançamento associativo, permitia pressionar os limites da palavra e recuperar o assombro, o estranhamento.

Sentir o clima opressor em que viviam, vendo seus sonhos sendo insistentemente golpeados frente ao vai-e-vem de suas dificuldades econômicas, gerava em mim uma forte sensação de impotência.

A impressão que se tinha é que lhes teria faltado coragem, palavras ou um espaço de *terceiridade* para questionar os acontecimentos de sua intimidade amorosa sem pudor de seus modestos prazeres ou sem dissimulação de suas penosas frustrações.

O inominável deu lugar a acontecimentos traumáticos das infâncias de ambos. Minhas perguntas foram se desdobrando entre seus corpos distantes. Fui tomando suas palavras na construção de minhas frases.

Pilar – “Para ele, vai mal porque vive no passado, e eu fico sozinha com meu filho no presente, interceptando o futuro que nos invade continuamente.”

Antônio – “Quem vive no passado é você, que continua falando de Marta em vez de se preocupar conosco.”

Terapeuta – “O que será que vocês temem que lhes sobrevenha quando falam do que acontece entre vocês?”

Pilar – “Uma separação, por

## É necessário remover da sombra os aspectos sinuosos da pré-história do casal.

Provindo de um lugar onde sempre foram escassas a comunicação e a estabilidade emocional, Antônio tinha optado por refugiar-se, assim como seu pai e seu tio, em um manto de silêncio e de nostalgia de momentos fugidios.

Antônio – “Não sei o que comentar. Ficamos frequentemente em silêncio. Talvez nos falte assunto...”

Pilar – “Antônio é uma pessoa que não dá espaço. Quando fala, é muito brusco. Se fala, tem que valer o que ele diz. Quando nos casamos, não contava que era casado.”

Antônio – “A solidão sempre me agradou, até hoje.”

Pilar – “Pois a mim, sempre incomodou. Às vezes, encontramos pessoas que conhecem toda a família, até a sua noiva, porém nem sabem meu nome...”

permitir a Antônio manter a denegação da morte de seu tio. Colocar-se principalmente como objeto a serviço do desejo de Antônio, permitia-lhe conservar uma modalidade vincular proveniente de seus modelos infantis. Eu tinha a impressão de que havia algo denegado a nível familiar, talvez relacionado com a morte do tio, que assumia formas do negativo no vínculo de casal atual. Procurei abrir a possibilidade de historizá-lo para que pudessem reintegrá-lo na cadeia associativa.

Frequentemente, colocava-me a questão de como dosar minhas intervenções para escolher o mais acessível para o casal, aquilo em que pudessem se re-conhecer.

Em certos momentos, o silêncio analítico desencadeava em Pi-



isso não falamos e vamos nos fechando cada vez mais.”

Terapeuta – “Vocês acreditam que para continuarem unidos devem se calar e sentem que o silêncio os separa.”

Gradualmente vamos nos embrenhando no terreno dos paradoxos...

Como quase tudo em suas vidas, os acontecimentos fundantes pareciam ter transcorrido de forma rápida e surpreendente. Sua história em comum tinha se desenrolado sob o olhar inquisidor de figuras autoritárias que presidiram quase todas as suas grandes decisões, fato que foi por eles aceito com uma docilidade opressiva.

Os episódios memoráveis de suas vidas pessoais confundiam-se de tal maneira que, por alguns momentos, parecia inútil tentar diferenciá-los, essas lembranças faziam parte do acervo mnêmico do casal (memória vincular).

O futebol havia configurado em Antônio um espaço de evasão e de drenagem de desejos sufocados. O exercício da maternidade e outras tarefas haviam ocupado os dias de Pilar.

Em certo momento, a memória conjunta deu um salto e se afastou daquela visão obstinada e opaca de sua vida amorosa atual para aterrisar em uma noite fatídica da infância de Antônio em que seu pai abandonou o lar, para o qual jamais regressou. A partir daí, decorre uma sucessão de amores obsessivos dirigidos a objetos amorosos inacessíveis ou abandonantes nos quais Antônio parecia recriar uma vez após outra o enigmático abandono paterno. Em Pilar, apareceram algumas representações de cenas infantis onde os casais ao seu redor, isto inclui seus pais, manifestavam desavenças, falta de vitalidade e de alternativas.

O olhar analítico planava sobre o vínculo. Personagens transgeracionais povoavam a densa trama fantasmática que correspondia a

obstinados retornos a algumas circunstâncias e acontecimentos particularmente dolorosos.

À medida em que avançavam os meses, começaram a surgir seqüências que sinalizavam uma alentadora possibilidade de mudança.

Neste caso, a escolha mútua acabou ficando marcada por uma vivência de fragilidade que os havia levado a eleger um ao outro como uma proteção frente ao temor de viver um amor intenso, passível de lhes ocasionar novamente sofrimentos insuportáveis.

Através das digressões entramos na dimensão de um isolamento e solidão que acaba por se lhes tornar insuportável e que necessitam romper. Lugar de não-lugar, silêncio do silenciado, desejo de não-desejo. O componente anti-estético depositado em Pilar era uma expressão do que viviam como feiúra no vínculo, percebido como insatisfatório.

No transcorrer da análise, continuaram a surgir fatos relevantes.

Antônio – “Eu não queria mais saber de mulheres bonitas.”

Pilar – “Quanto a mim, ele me agradou porque era diferente, não era mulhengo como meu pai e também não lhe incomodou que eu fosse de outra classe social.”

Terapeuta – “Parece que escolheram um ao outro pelo fato de não terem qualidades que para vocês representem uma ameaça de separação ou de abandono.”

Outra sessão, a princípio silenciosa, tornou-se intensa ao serem colocados em jogo afetos aparentemente adormecidos de um doloroso passado. Encontrávamo-nos no sexto mês de tratamento.

Pilar – “Como você me teve muito facilmente, acredita que não valho muito.”

Antônio – “Mas você também poderia se arrumar um pouco mais...”

Os dois puseram-se a rir intencionalmente e, em seguida, permaneceram alguns minutos em silêncio.

Antônio – “Quero dizer algo que me lembrei sobre meu tio. Um dia, ele me disse que não se pode conviver com alguém de quem se gosta muito.”

Em Antônio, a escolha do objeto amoroso tinha se apoiado na convicção de não se poder amar

A erotização foi se tecendo em uma busca lúdica e estética.

uma pessoa e ao mesmo tempo ser amado por esta, como se o tempo de amar e ser amado jamais pudessem se reunir num casal. Era como se o acordo inconsciente fosse não amar para ser amado, que se complementava com a idéia profundamente arraigada de Pilar a respeito de sua incapacidade ou incompetência para suscitar amor. Uma vez decifrado esse acordo mediante o trabalho interpretativo, houve um enriquecimento do trabalho simbólico do casal. Puderam trazer novas associações e reminiscências de seu mundo onírico. Começaram a aparecer redescobrimentos “acidentais” da sensualidade. A primazia do coito ficou questionada.

Algumas sessões mais tarde, Antônio comentou que casualmente, havia descoberto um segredo familiar: seu tio tinha se suicidado. Sua avó havia atribuído este acontecimento a um fracasso amoroso.



O reprimido havia então permanecido aqui, como um operador negativo e atuante. Uma fragilidade era transmitida silenciosamente através dos homens da família. Antônio passou a se perguntar se o abandono paterno também encobriria um suicídio. Empreendeu uma busca desesperada de suas origens para acabar descobrindo que seu pai foi se embrenhando cada vez mais em sua obsessão - havia ido embora de sua casa a pedido da esposa, "uma linda mulher" - em não mais voltar a pisar na casa para não prejudicar as crianças.

Neste momento, entraram em jogo mecanismos de defesa primários com a pretensão de proteger o vínculo, ameaçado de desvínculo, com angústias de vazio.

Sentia que estava se embrenhando pelos labirintos de seus anseios inconfessos, por momentos difíceis de decifrar.

Aludiam a uma sensação de irrealidade, de anestesia vital, talvez como efeito de uma manobra defensiva de isolamento que se havia acentuado nos últimos anos, ambos permanecendo afundados em profundas vivências de desinteresse e solidão. Pareciam ter construído acordos e pactos que apenas lhes permitiam resolver um espectro cada vez mais restrito de problemas que lhes surgiam no cotidiano. Convicções pessimistas sobre a conjugalidade foram se consolidando progressivamente sem possibilidade de ressignificação. A limitação da relação aos aspectos mais pragmáticos parecia um modo de se preservar, na fantasia, de objetos incestuosos.

Era como se tivessem construído um falso vínculo amoroso, no qual se realizavam aqueles atos mais visíveis da conjugalidade, porém acompanhados de sentimentos de futilidade ou de sem-sentido, como uma maneira de se defender de fantasias de fusão devoradora. O enfraquecimento da atração sexual estava também a serviço de um

evitamento em relação a fantasias de intrusão.

Lemaire (1986) havia se referido à vivência de ameaça para o ego frente ao risco de um compromisso emocional intenso experimentada por alguns sujeitos, conduzindo-os a escolhas amorosas com um compromisso emocional mínimo, o suficiente para ajudá-los em seu desempenho social, porém não tão intensos a ponto de lhes provocar

A escolha de  
um objeto  
denegrado tem  
como função  
ocultar  
a própria  
vulnerabilidade.

um enfraquecimento psíquico. São escolhidos objetos pouco satisfatórios, mas também, pouco poderosos ou ameaçadores.

No caso da escolha de um objeto degradado o objetivo seria ocultar a própria vulnerabilidade.

Pilar encarnava uma identidade negativa, a qual permitia a Antônio exercer certo controle sobre seus próprios aspectos depressivos, como uma via de restauração narcisista. As formas do negativo aludiam a um vínculo narcisista com uma base depressiva.

No discurso aparecia um velado maltrato mútuo desqualificador, o qual pareciam não perceber. Desta forma, Pilar podia projetar em Antônio aspectos de seu ideal do ego, os quais viveria com intensa culpa se os percebesse como dela.

Seria menos ameaçador apresentar-se de um modo desvalorizado no vínculo conjugal.

Em sua relação comigo expressavam o fato de que lhes parecia inacreditável que sua pobre e poeirenta relação poderia ser objeto de tanta atenção e análise.

A consulta ocorreu em um momento em que a intensificação dos aspectos sado-masoquistas colocou em risco o acordo inconsciente de evitamento de um compromisso emocional mais profundo. Coincidiu também com o fato de que Antônio alcançou a idade que tinha seu tio quando morreu, aflorando um luto não resolvido.

Representações vinculares de objetos-casal platônicos e abandonantes operavam bloqueando suas possibilidades amorosas atuais.

Os diálogos mínimos sustentavam uma indagação sobre o desejo e certa ética de responsabilidade. A tensão entre a liberdade, os acasos do desejo e certos imperativos sociais protetores da estabilidade matrimonial, isto é, a vontade de ser "sexualmente correto", assumiu grande intensidade. Começou a se iluminar a dialética entre o dever e o querer, entre o fazer e as culpas. Como conciliar a ordem conjugal com a desordem erótica? Entenderam o evitamento de suas relações sexuais codificadas e "normalizadas" como uma forma de resistir ao sufocamento progressivo de sua sensualidade. Lentamente começaram a reconhecer sua própria colaboração para essa perda de intimidade e a ter acesso a outras representações que os descobriam em novas formas de desnudez. O estandarte amoroso poderia ser modificado.

No segundo ano de tratamento puderam se colocar a possibilidade de dissolução do casal, o que logo descartaram ampliando-se a margem de opção.

Certa previsibilidade das seqüências repetitivas de suas relações sexuais se relacionava com a fanta-



sia, expressada por Antônio, de que liberar novas emoções o impediria de manter sua potência. Pilar expressava de outro modo o temor de perder o controle.

As tentativas caseiras, anteriores à análise, de modificar seus encontros sexuais tendiam a aumentar sensivelmente a ansiedade de Antônio frente a um possível fracasso sexual.

A verdade não é um lugar onde se pode permanecer por muito tempo.

Em certos momentos, eu experimentava um certo temor de estar me envolvendo demais e, em outros, certa tendência a me identificar alternativamente com um ou outro pólo do vínculo.

A sensualidade reapareceu como que por descuido. Stendhal, em algum momento de sua obra, situava a maior probabilidade de um prazer intenso naquele momento em que a situação erótica ocorre de forma tão imprevisível que não há tempo para que a dúvida, a espera e a reflexão possam se instalar. A erotização possível foi se tecendo em uma busca lúdica e estética. Retomaram as atividades mu-

sicais nas quais incluíram o filho.

O prazer estético constituiu um prazer dos sentidos.

Pilar - "Num dia desses demos para jogar *bogle*.<sup>1</sup> Vi algumas palavras de mau gosto e não quis colocá-las. Porém, ele as colocou e eu disse que se isso vale, então eu também vou colocá-las. Terminamos jogando de modo que só valessem essas palavras. Creio que nunca havíamos feito amor com tanta vontade."

Lentamente começaram a recuperar o interesse sexual, a deixar de lado as sérias intenções.

Arango (1990)<sup>2</sup>, em um livro rico em referências culturais, assinalou o valor afrodisíaco das "palavras obscenas" para a vida amorosa, assim como seu valor para a psicanálise. O tabu de nomeá-las estaria relacionado com sua peculiar força alucinatória. Com o desuso das "palavras proibidas" poderia se limitar a riqueza da vida erótica. Reivindicou a importância de devolver ao desejo todas as palavras que lhe pertenciam. Neste caso a restituição de tais palavras surgiu como um acontecimento casual e surpreendente para eles.

O medo da intimidade foi cedendo, porém, os encontros sexuais permaneceram durante algum tempo circunscritos a condições particularmente propícias e pouco frequentes.

Entretanto, prosseguiram dissipando brumas na questão da sexualidade, reconhecendo suas singularidades.

O trabalho sobre algumas representações vinculares corporais permitiu novos avanços. As representações do objeto casal se resignificaram e a união deixou de resultar tão ameaçadora para sua integridade psíquica, a ambivalência foi se suavizando.

Pilar pode deslocar-se de uma posição de exclusão de um vínculo de casal para a possibilidade de apropriar-se do lugar de esposa. Antônio passou de uma tendência

a negativizar Pilar como objeto de desejo para a possibilidade de reconhecê-la em sua condição de sujeito desejante e possível objeto de desejo.

Às vezes, os casais iniciam a análise com urgência e a terminam sem pressa. A finalização foi se esboçando naturalmente, a partir de meados do segundo ano, como um momento de síntese de nosso projeto compartilhado, no qual foram surgindo e se desenvolvendo novos projetos do casal. Em uma das últimas sessões, surgiu o seguinte comentário:

Pilar - "Neste momento, parece-me que sempre entramos em histórias já começadas, não existe outra forma de amar. Porém, quando estamos na história, ainda assim podemos mudá-la."

Algumas vezes é a intensidade do clima vincular que singulariza uma análise. Pilar e Antônio puderam reapropriar-se gradualmente da exploração de seus corpos empreendendo uma busca mais ativa do prazer. Cada um foi se posicionando gradualmente como objeto de desejo do outro.

Transcorrido certo tempo da finalização deste trajeto analítico compartilhado, persiste algo inefável que permanece mudo nestas páginas. Possivelmente tem a ver com aquilo que dá sentido à vida amorosa e que é impossível apreender a partir do campo da razão. Porque em psicanálise, como disse Daniel Mazzone<sup>3</sup>, a verdade não é um lugar onde se pode permanecer por muito tempo. ■

## NOTAS

1. J. Lemaire, *La pareja humana: su vida, su muerte y su estructura*. México. Fondo de Cultura Económica, 1986, p.45.
2. A. Arango, *Las malas palabras. Virtudes terapéuticas de la obscenidad*. Buenos Aires, Ed. Planeta. 1990.
3. D. Mazzone, *Desamores*, Montevideu. Ed. Arca, 1993.